

## DISCIPLINA: ORDEM E OFÍCIO

Abílio Guerra

---

Uma polêmica —mais ou menos sofisticada, dependendo dos protagonistas— se instaura toda vez que se tenta estabelecer a peculiaridade da arquitetura no campo da cultura. Pensá-la em um contexto mais amplo, como resultante de um entrecruzamento de discursos e visões de mundo disseminados pela sociedade, é —em certo sentido— admitir que não é possível compreendê-la sem uma apreensão mínima de sua relação especular com as outras artes e mesmo com outras áreas do saber humano, como as ciências, a religião, a filosofia... O cerne da polêmica é o limite ou a abrangência dessa relação, se ela é constituinte ou periférica do saber arquitetônico. É como se pudéssemos definir com clareza qual o real papel da filosofia de Deleuze na obra de Peter Eisenman, do higienismo do final do século XIX na obra de Le Corbusier, ou mesmo do hermetismo renascentista nas obras de um Leonardo ou de de um Michelângelo. Os apologetas de um saber específico, em luta franca com os que fazem proselitismo dessa posição, defenderão até o último homem a trincheira da disciplina. Mas, como quase tudo que ganha inteligibilidade na relação antitética com o inimigo, o discurso disciplinar se mostra muito menos claro e muito mais ambíguo quando apartado de seu desafeto. A “disciplina arquitetura” não tem uma definição tão objetiva como poderia se esperar, pois tanto pode ser pensada como um conjunto de formas e valores atemporais —o que a colocaria no campo da normatização tratadística—, como um conjunto de procedimentos rotineiros conduzidos por um saber sedimentado através do tempo —o que a colocaria no campo do *bem fazer*. A erudição da ordem e o pragmatismo do ofício não são necessariamente excludentes e não são poucos aqueles que anseiam uma acomodação. Mas não há como negar que tanto o saber livresco-refinado como o conhecimento prático-rotineiro se deparam com questões que lhes fogem às mãos, pois foram gestadas em instâncias nas quais detêm pouco ou nenhum controle. As teorias impressas em livros de arquitetura clássica, barroca ou neo-clássica não passaram incólumes às tentativas análogas em outras artes em estabelecer cânones condutores da criação e tação dos juízos estéticos. A evolução da técnica, que nos dias de hoje se enfronha por novíssimos materiais produzidos em laboratórios químicos, sempre foi uma dado para o arquiteto, independente de *onde e quando* tenha estabelecido seu ateliê. A dinâmica social, que em cada momento histórico produz demandas coletivas diferenciadas, igualmente não passa ao largo das fechadas discussões do “*métier*”. Enfim... se abandonarmos por um momento o radicalismo próprio da polêmica, teremos diante dos olhos um cenário muito menos esteriotipado, onde a autonomia absoluta ou a inter-relação infinita não passam de balizas conceituais de referência para matizes interpretativas diferenciadas, cheias de sutileza e argúcia.